



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 12, número 3, set.-dez. 2023

VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: ABORDAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS DO ENSINO FUNDAMENTAL



LINGUISTIC VARIATION AND LANGUAGE CHANGE: APPROACHES IN PORTUGUESE LANGUAGE TEXTBOOKS FROM MIDDLE SCHOOL

Letícia Camargo GALUCI
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Marilze TAVARES
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 17/03/2023 • APROVADO EM 18/12/2023
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i3.828>

Resumo

A pesquisa teve como objetivo verificar o tratamento dado por livros didáticos de língua portuguesa a conteúdos relacionados aos temas variação e mudança linguísticas. Para isso, três coleções destinadas à segunda fase do Ensino Fundamental utilizadas em escolas públicas de Dourados (MS) foram analisadas: *Apoema – Português* (2018), *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa* (2018) e *Se liga na língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem* (2018). A análise se pautou nas reflexões e estudos realizados por pesquisadores da área de Linguística, especialmente da Sociolinguística, a saber, Labov

[1972](2008), Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007a, 2007b) entre outros. Como síntese dos resultados, é possível afirmar que, de modo geral, os autores das coleções didáticas abordam adequadamente os temas, no entanto, considerando todos os objetivos propostos para o ensino de língua nessa fase, incluindo-se, por exemplo, o combate a qualquer tipo de intolerância diante da diferença (nesse caso, linguística), conclui-se que outras atividades – além das já propostas – seriam necessárias nos livros para um trabalho mais intenso sobre o tema.

Abstract

This research aims to verify the approach taken by portuguese textbooks, to topics related to linguistical variation and changes. In order to do this, three textbooks collections, which were destined to the public middle schools of Dourados, MS, were analyzed: *Apoema – Português* (2018), *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa* (2018) and *Se liga na língua – Leitura, Produção de Texto e Linguagem* (2018). Such analyses was based on the reflexions and studies done by researchers in the field of linguistics, especially of sociolinguistics, such as Labov[1972](2008), Bortoni-Ricardo(2004), Bagno(2007a, 2007b), among others. As a summary of the results, it is possible to confirm, generally, that the authors of the textbook collections make a suitable approach to the themes, however, considering all the proposed objectives for language teaching at this phase, included, as an example, the struggle against any kind of prejudice aimed at differences (in this case, linguistic), one comes to the conclusion that other activities – in addition to those already proposed – would be needed in the books for a more effective work on the subject.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa. Variação e mudança linguística. Livro didático de língua portuguesa.

Keywords: Portuguese language teaching. Linguistic variation and language change. Portuguese language textbooks.

Texto integral

Introdução

No Brasil, conforme lembra Silva (2004, p. 74), é a partir da década de 1960, principalmente, que começa a chegar aos bancos escolares da Educação Básica um público bastante diversificado do ponto de vista sociocultural, ou seja, se antes a escola atendia, majoritariamente, estudantes oriundas de classes sociais privilegiadas, desde então as oportunidades de acesso se ampliam também para os estratos sociais mais baixos.

Assim, recebendo um público diversificado do ponto de vista sociocultural, a escola precisa assumir a responsabilidade em relação ao trabalho com a diversidade linguística que os estudantes trazem consigo. Para isso, documentos oficiais que orientam o planejamento do ensino de língua portuguesa como língua materna, procuram assegurar que as questões relativas à diversidade linguística estivessem presentes nos currículos escolares. É o que se constata, por exemplo, de modo muito explícito nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, especialmente os de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (BRASIL,

1998) e do Ensino Médio (BRASIL, 2000). E, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular (2017) também registra a necessidade de se ter a diversidade linguístico-cultural em vista no planejamento das aulas de língua materna.

Nesse contexto, e considerando que os livros didáticos (LDs) disponibilizados pelo Governo Federal tem sido o maior aliado do professor na Educação Básica da escola pública, o estudo apresentado tem como objetivo verificar se esses materiais da área de Língua Portuguesa utilizados em escolas do município de Dourados (MS) contemplam conteúdos relativos à variação e à mudança linguística, e, além disso, observar se esses conteúdos – quando apresentados – estão ou não adequados às teorias sociolinguísticas contemporâneas e aos documentos oficiais que orientam o ensino na Educação Básica. Para tanto, foram escolhidas, para análise, três coleções compostas de quatro livros cada uma, destinados à segunda fase do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).

Fundamentam as análises e as reflexões da pesquisa os trabalhos desenvolvidos no âmbito da Sociolinguística – especialmente as que discutem questões relacionadas ao ensino. Para isso, recorreu-se a trabalhos de autores como Labov [1972](2008), Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007a, 2007b), Camacho (1988) entre outros. Antes de se apresentarem questões teóricas básicas e essenciais a serem consideradas como norte para a análise dos livros, segue uma breve reflexão sobre a relevância dos LDs no processo de ensino-aprendizagem no contexto escolar.

1. Os livros didáticos e o ensino

Não há como negar a importância dos LDs para o processo de ensino-aprendizagem no cotidiano escolar brasileiro, seja em escolas públicas, seja em escolas particulares. Eles podem funcionar como um material de apoio em contexto em que professores e alunos têm acesso a outros variados recursos didáticos ou como o principal (e, às vezes, único) material em algumas escolas brasileiras.

De qualquer forma, os LDs costumam influenciar e direcionar o planejamento e facilitar o trabalho dos professores em suas rotinas de preparação das aulas. Isso porque a realidade da maioria desses profissionais da Educação Básica é a de ministrar muitas aulas por semana, para várias turmas diferentes e para um grande número de alunos. Dessa forma, ainda que, em alguns casos, o docente tenha liberdade para usar o livro apenas como um apoio para o seu trabalho, tem, a sua disposição, sequências prontas para abordar os conteúdos de cada ano escolar, o que poderá, de fato, auxiliar no seu trabalho.

Atualmente, ainda que se verifiquem críticas em relação aos LDs brasileiros, eles apresentam uma qualidade muito superior em relação ao que se tinha à disposição há algumas décadas. Isso, principalmente, porque os autores e as editoras têm conhecimento de que o material precisa ser avaliado e aprovado por especialistas e que passará também pelo crivo dos professores que efetivamente vão utilizá-los antes de serem adotados, conforme esclarece texto do site do Ministério da Educação:

Os materiais distribuídos pelo MEC às escolas públicas de educação básica do país são escolhidos pelas escolas, desde que inscritos no PNLD e aprovados em avaliações pedagógicas coordenadas pelo Ministério da Educação e que conta com a participação de Comissões Técnica específica, integrada por especialistas das diferentes áreas do conhecimento correlatas, cuja vigência corresponderá ao ciclo a que se referir o processo de avaliação. (MEC/PNLD)¹.

Diante do exposto, especialmente no que diz respeito à importância dos LDs para a educação brasileira, eles têm sido, constantemente e já há algum tempo, alvo de estudos e análise por parte dos pesquisadores, que, em geral, tomam determinados recortes para se verificar são abordados pelos livros. Rodrigues (2007), por exemplo, em sua pesquisa de mestrado, investigou o processo de ensino e aprendizagem da escrita de textos, analisando os livros didáticos mais utilizados, em 2006, pelas escolas da rede pública estadual de ensino, na cidade de Maringá-PR. Já Nascimento (2019), em artigo científico, demonstra, entre outras questões, como um conjunto de LDs trata a leitura literária nos anos finais do Ensino Fundamental. E, dentre os temas examinados nos LDs de língua portuguesa, está também a variação e a mudança linguística.

Considerando que os trabalhos já realizados enfocam recortes distintos e optam por livros e coleções específicas adotados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, os resultados que se apresentam neste artigo têm a pretensão de se somarem aos demais já publicados para um melhor conhecimento e avanço da temática.

2. Breves considerações teóricas: variação, mudança, preconceito e ensino

Há décadas já se sabe que os temas variação e mudança são conteúdos que devem ser trabalhados na Educação Básica e por isso estão presentes nas orientações dos PCNs – (BRASIL, 1998, 2000) e, mais recentemente, da BNCC (BRASIL, 2018). Os primeiros constituem uma coleção de documentos relativamente antiga, mas ainda uma referência importante para o ensino básico no Brasil. Nos volumes dos PCNs que tratam do ensino de língua portuguesa, discutem-se as “implicações da questão da variação linguística para a prática pedagógica”, tomando-se a seguinte ideia como premissa:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. (BRASIL, 1998, p. 29).

A importância do tema está clara também quando se verificam, nesse documento, os “objetivos gerais de língua portuguesa para o ensino fundamental”,

¹ PNLD. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em 14 fev. 2023.

entre os quais estão, por exemplo, “Conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico” e “Reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades”. (BRASIL, 1998, p. 32).

Já a BNCC, documento mais recente, define o conjunto de aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo das etapas da Educação Básica. Esse material menciona um conjunto de competências que os estudantes devem adquirir a partir do ensino de linguagens que recebem na escola. Destaca-se a seguinte:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p.496).

Ao longo do documento também fica evidenciada a necessidade de se estimular, nos estudantes, atitudes respeitadas diante de variedades linguísticas e de rejeição ao preconceito linguístico, que nada mais é que a não aceitação de variedades resultadas de fatores socioculturais, regionais, pela situação comunicativa dos falantes entre outros.

Desse modo, considerando os temas variação, mudança e preconceito linguístico, é necessário refletir sobre o que o professor precisa ter vista e o que os LDs devem abordar. Vale mencionar que o material analisado neste estudo é destinado a estudantes com idade entre 10 e 14 anos.

Primeiramente é necessário considerar que a variação não é resultado apenas das questões regionais, como mais frequentemente se comenta, e que existem diferentes tipos de variação. Roberto Camacho (1988), assim como outros pesquisadores anteriores a ele, lembram que a língua se diversifica no espaço e se transforma no tempo. O autor trata, de forma sistematizada, de diferentes tipos de variação linguística, a saber: *histórica*, *geográfica*, *social* e *estilística*. Sistematização muito semelhante também é realizada um pouco mais recentemente, por exemplo, por Bagno (2007a). Em síntese, considerando os tipos de variação mais comuns, apresentadas pelos dois autores citados, pode-se dizer que a *histórica* tem a ver com as diferenças linguísticas observadas com a passagem do tempo; a *geográfica* está relacionada com as diferenças na língua que se verificam de um lugar para outro (estado, região, países que falam a mesma língua); a *social* pode incluir distinção que são decorrentes do nível de escolaridade, renda, sexo, idade do falante entre outros fatores; e a *estilística* está relacionada, especialmente, ao uso formal e informal da língua falada ou escrita, a depender da situação em que se encontram os interlocutores. É preciso considerar ainda que todos os níveis da língua – fonético-fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico – são atingidos pela variação linguística.

Além de variar em decorrência de fatores diversos, a língua se transforma com a passagem do tempo. Assim, variação e mudança são fenômenos

relacionados, mas distintos. A variação ocorre quando duas formas ainda coexistem no mesmo tempo; já a mudança só ocorre quando uma forma deixa de ser utilizada e uma nova ocupa seu espaço. Vale lembrar que a mudança não é um processo que ocorreu no passado e não ocorre mais, ou seja, uma língua mudou no passado e continuará mudando sempre, enquanto houver falantes dessa língua. Isso porque “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. (LABOV, 2008, (1972). As línguas mudam para atender às necessidades dos falantes, para expressar melhor o que as pessoas desejam.

Quando os estudantes, as pessoas, de modo geral, entendem que é natural que a língua continua se transformando evitam avaliações equivocadas, como as que resultam em afirmações tais como: “os jovens de hoje falam tudo errado”, “o português de hoje não é bom como o de antigamente” ou “a língua portuguesa está se degradando”.

Obviamente, discutir variação e mudança linguística não significa deixar de dar o devido valor e atenção às normas linguísticas consideradas de prestígio pela sociedade. Também é papel da escola oportunizar aos estudantes a ampliação de sua competência comunicativa, o que inclui o domínio da norma culta. Entretanto, a atitude da escola diante das variedades linguísticas trazidas por seus diferentes estudantes deverá sempre ser respeitosa, adotando-se uma “pedagogia culturalmente sensível” como propõe Bortoni-Ricardo (2004).

Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não-padrão pelo aluno, a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a *identificação* e a *conscientização* da diferença. [...] Mais importante ainda é observar o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.42).

A autora menciona a importância de que os estudantes sejam conscientizados sobre as diferenças linguísticas e que possam identificá-las, entendendo, inclusive, que existem avaliação social em relação às várias formas de falar e que a norma considerada de prestígio é a norma-padrão. A propósito, Bagno (2007a) esclarece que a norma padrão, na prática, só existe nas gramáticas e seria um modelo idealizado, não utilizado integralmente por nenhum falante nas interações reais. Esse autor prefere utilizar a expressão “norma culta” para as variedades de prestígio e que mais se aproximam da norma padrão.

Quando se discute avaliação social e prestígio de variedades linguísticas, uma outra questão relevante se impõe para discussão: o preconceito linguístico. Sobre esse assunto, Bagno (2007b), há algum tempo, já afirmara que existe uma tendência em lutar contra todos os tipos de preconceito. No entanto, segundo ele,

[...] essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito linguístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos

tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (BAGNO, 2007b, p. 13).

A discussão foi proposta pelo autor há mais de duas décadas² e se, desde então, houve mudanças positivas em relação ao respeito pelas diferenças linguísticas, ainda há um longo caminho até que se chegue ao que seria adequado. Por essa razão, a escola, os professores, os materiais didáticos precisam continuar propondo a discussão do tema a partir de atividades que realmente contribuam para a conscientização da necessidade de se combater também esse tipo de preconceito, entre tantos outros.

Na sequência, apresenta-se a análise dos livros que compõem as três coleções.

3. Análise das coleções

Conforme já mencionado na introdução, o trabalho teve como objetivo analisar três coleções para responder basicamente a duas questões: os livros tratam dos temas variação e mudança linguística? Se tratam, as atividades apresentadas nos livros são adequadas, conforme as teorias sociolinguísticas? No Quadro 01, a seguir, estão as informações sobre as coleções analisadas e, na sequência, o relato-síntese do que se observou em cada uma.

Título	Autores	Ano da publicação	Editora
<i>Apoema Português</i>	Lúcia Teixeira, Silvia Maria de Souza, Karla Faria, Nadja Pattresi	2018	Editora do Brasil
<i>Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa</i>	Tania Amaral Oliveira, Lucy Aparecida Melo Araújo	2018	Ibep
<i>Se Liga na Língua</i>	Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi	2018	Moderna

Quadro 01 – Coleções analisadas

Fonte: Elaboração própria.

3.1 Coleção *Apoema Português*

Ao apresentar a proposta teórico-metodológica da coleção *Apoema – Português*, as autoras dedicam um subitem, intitulado *Variação linguística, tolerância e inclusão*, à explicação do trabalho que é proposto em relação a essa temática. Afirmam que o trabalho se fundamenta no aporte teórico advindo dos estudos da Sociolinguística, especialmente os desenvolvidos por Labov (2009) e

² A primeira edição do livro *Preconceito Linguístico – o que é e como se faz* é do ano de 1999.

ainda por pesquisadores brasileiros como Tarallo (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Scherre (2008) e Faraco e Zilles (2007). Além disso, asseguram que partem da perspectiva de que “nenhuma língua é homogênea e uniforme” ou, em outras palavras, “todas as línguas são heterogêneas e multiformes”.

No que se refere às atividades efetivamente apresentadas nos livros dessa coleção, não há capítulos ou unidades especialmente dedicadas ao trabalho com a variação linguística e, conforme apresentam as autoras, a temática estaria presente em várias atividades dos livros da coleção. Isso porque, conforme se lê na proposta, as autoras partem do pressuposto de que

[...] o ensino de língua tem que estar sempre associado a uma compreensão tolerante, generosa, aberta e inclusiva da convivência social e deve combater fortemente o preconceito linguístico social, e a intolerância diante da diferença, da expressão das minorias e de sua capacidade de ação e engajamento. (TEIXEIRA; SOUZA; FARIA; PATTRESI, 2008, p. XIV).

Considerando as diversas atividades que a coleção propõe com esse enfoque, observa-se, na unidade 7 do livro destinado ao 6º ano, um exercício que teria como objetivo enfatizar “a relação entre a situação de comunicação, o papel dos interlocutores, a modalidade em que os textos são produzidos e o uso da língua”. Segue a Figura 1, que reproduz o exercício.

Releia o trecho final do abaixo-assinado do capítulo 1.

Hoje, o que pode parecer um simples abaixo-assinado **se transformará** em um grande movimento com a sua ajuda. Mas isso **vai acontecer** pra valer se compartilhar essa ideia.

Figura 1 – Trecho para exercício

Fonte: Coleção *Apoema Português*, livro do 6º ano, p. 211.

O foco da atividade é o emprego dos tempos verbais, nesse caso, o futuro do presente do modo indicativo, e as autoras chamam a atenção do estudante para o fato de que, além da forma verbal formal (com um único verbo: *transformará*), há a possibilidade de se utilizar a locução verbal (dois verbos: *vai acontecer*). A atividade pretende mostrar que os usos pressupõem grau de formalidade distintos e que podem produzir efeitos de sentido diferentes, apesar de se referir ao mesmo momento no tempo.

Na unidade 6 do livro do 7º ano, ao tratar do uso do modo verbal imperativo, as autoras, novamente, focam no grau de formalidade e informalidade da língua, além da necessidade de se observar o gênero textual e as intenções de que o produz. Para isso, utilizam-se dos trechos seguintes, recortados da atividade do LD.

<p>Para acabar com a dengue, acabe com as larvas; tampe a caixa d'água, limpe as calhas e coloque areia nos recipientes dos vasos das plantas.</p> <p>(Anúncio sobre o combate à dengue)</p>	<p>Toma a vacina, minha gente Deixe a gripe pra lá Toma logo e se proteja, Que a vida não pode parar. [...]</p> <p>(Campanha nacional de vacinação do Ministério da Saúde)</p>
--	--

Figura 2 – Trechos para exercício

Fonte: Coleção *Apoema Português*, livro do 7º ano, p. 174.

Entre as questões abordadas está o fato de que, no primeiro trecho, as formas verbais no imperativo estão de acordo com o registro formal e, na letra da música, elas oscilam entre o formal e o informal.

No mesmo livro, do 7º ano, a questão da formalidade e informalidade da língua também é abordada em relação ao assunto colocação pronominal, no momento em que se apresenta a mesóclise, como se observa no exemplo reproduzido a seguir.

Parágrafo Único: - As atividades do Grêmio **reger-se-ão** pelo presente Estatuto aprovado em Assembleia Geral dos alunos convocada para este determinado fim, sendo numerada e identificada como Assembleia nº00.

A construção **reger-se-ão** contém uma mesóclise, ou seja, um pronome intercalado ao verbo. Essa estrutura é própria da língua padrão ou norma culta da língua.

Figura 3 – Trecho de exercício

Fonte: Coleção *Apoema Português*, livro do 7º ano, p. 117.

Dessa atividade, convém destacar que as autoras não diferenciam os termos língua-padrão ou norma culta da língua, ou seja, toma as duas expressões como sinônimas. Conforme Bagno (2007, p.130-131), essa distinção seria importante uma vez que língua padrão é uma expressão que remete a um modelo idealizado e não utilizado por nenhum falante; já a norma culta seria uma variedade real, utilizada por falantes escolarizados em situações específicas e, que em alguns aspectos, se aproximaria do padrão idealizado (ou da língua padrão).

A preocupação em diferenciar o registro formal e informal, continua perpassando as atividades da coleção no livro do 8º ano. Isso é constatado, por exemplo, no capítulo 2 da unidade 7, em que se discutem as características da linguagem dos artigos de divulgação científica.

Já no livro do 9º ano, no capítulo 2 da unidade 1, há uma sessão intitulada “Variação linguística: registros formal e informal na modalidade escrita”. Novamente são apresentados trechos de dois textos diferentes para que os estudantes analisem o grau de formalidade de cada trecho.

Após análise da coleção *Apoema*, constata-se que as atividades que abordam a questão do uso formal e informal da língua são adequadas e estão distribuídas ao longo dos livros. No entanto, considerando que o tema variação linguística envolve muitos outros aspectos, entende-se que outros conteúdos não foram suficientemente abordados por essa coleção. Não se verificou, por exemplo,

atividade que discutisse outras variedades, como as que geralmente são utilizadas por falantes não escolarizados ou com pouca escolaridade, que costumam ser fortemente estigmatizadas; ou ainda as variedades de determinadas regiões do país, que, por razões histórico-sociais, são menos valorizadas.

Dessa forma, se a coleção tem como objetivo realmente “combater fortemente o preconceito linguístico social, e a intolerância diante da diferença”, constata-se que faltam conteúdos relacionados à temática. Também não foram encontradas atividades que tratassem, de forma mais direta, da mudança linguística.

3.2 Coleção *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*

Ao apresentar a coleção, as autoras afirmam que a intenção do material é contribuir para uma relação pedagógica mais humanizada que ofereça condições para ajudar o aluno a compreender a complexidade da realidade, aprimorando e ampliando sua capacidade de se comunicar com as pessoas e fazer com que se insira cada vez mais no espaço em que vive. A coleção também supõe que o professor conheça e/ou esteja interessado em conhecer a realidade que seu aluno está inserido, para que fique ciente de suas redes de relações e descarte todos os tipos de preconceitos durante o processo de ensino-aprendizagem. São palavras das autoras:

Reconhecendo a necessidade de pensar um currículo que leve em conta o grau de complexidade dos conteúdos estudados e a diversidade de gêneros, a proposta desta coleção é organizar uma progressão em espiral. [...] nesse caso, o aluno terá possibilidade de reconhecer e produzir gêneros que apresentem predominância de diferentes tipos textuais. (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, p. XXXII).

Ao contrário da coleção examinada anteriormente, não há menção direta à temática variação e mudança linguística na apresentação da proposta. Entretanto, produzir diferentes gêneros com diferentes tipos textuais pressupõe também saber lidar com variedades e modalidades distintas da língua. Além disso, seguindo com a análise do material, observam-se seções intituladas “reflexão sobre o uso da língua”, que apresentam alguns tópicos relacionados à temática em discussão.

Examinando-se o livro destinado ao 6º ano, verifica-se, no capítulo 3, um exercício que teria como objetivo discutir questões de concordância verbal. Segue um trecho, sobre o qual se apresenta, em seguida, um exercício.

A senhora vem de calça comprida, e **a gente aparecemos** de qualquer jeito.

Figura 4 – Trecho de texto

Fonte: Coleção *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*, livro do 6º ano, p.88.

O foco da seção é a não observação das regras gramaticais de concordância, o que tornaria informal a variedade empregada no trecho. Para destacar esses

pontos, as autoras abordam duas questões: primeiramente perguntam se a construção destacada no trecho está de acordo com as regras gramaticais e pedem uma justificativa; depois, perguntam se construções como a destacada podem aparecer na fala das pessoas quando elas se comunicam, e, finalmente, pedem aos alunos que expliquem por que acham que isso acontece.

No mesmo livro, no capítulo 7, apresenta-se o trecho de um texto (Figura 5) e, mais adiante, alguns exercícios que estão contidos em uma seção intitulada “linguagem do texto.”

Dois caboclos na enfermaria (Rolando Boldrin)

Lá na minha terra tinha um caboclo que vivia reclamando de uma dor na perna. E, coincidentemente, um compadre dele tinha também a mesma dor na perna, e também estava sempre reclamando da danada.

Só que nenhum deles tinha coragem de ir ao médico. Ficavam mancando, reclamando da dor, mas não iam ao hospital de jeito nenhum. Até que um deles teve uma ideia:

- É, cumpadi, nós véve sofrendo muito com a danada dessa dor na perna... Por que é que nós num vamu junto no dotô? Vamos lá. A gente faz a consulta, tal, se interna no mesmo quarto... Daí fazemo o tratamento e vemo o que acontece. Se curar, tá bom demais!

Figura 5 – Trecho de texto

Fonte: Coleção *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*, livro do 6º ano, p.197.

Dentre as questões propostas, pergunta-se qual a variedade linguística usada para representar o modo de falar dos caboclos, se, na opinião do estudante, o falar caipira pode ser considerado incorreto, e se as expressões da fala dos dois caboclos são empregadas apenas no falar caipira. Entende-se que as atividades propostas propiciam uma boa oportunidade para discutir variação linguística, inclusive focando o preconceito linguístico.

Ainda no livro do 6º ano, no capítulo 7, com objetivo de ilustrar aspectos do falar gaúcho, as autoras apresentam o texto “Aquele animal estranho” de Mario Quintana, e, em seguida, perguntam aos estudantes como comunicariam as mesmas ideias expressas pelos termos destacados, utilizando expressões típicas faladas na região em que estão. Como se nota, o enfoque é na variedade geográfica.

No livro do 7º ano, capítulo 2, em seção intitulada “reflexão sobre o uso da língua”, as autoras tratam da concordância verbal e, para isso, usam um trecho retirado de uma notícia (Figura 6).

No começo do vídeo, Ali aparece recolhendo a sua mercadoria, que tinha sido jogada no chão antes de as imagens registrarem a agressão. O jovem aparece envergonhado por toda a situação ocorrida.

Figura 6 – Trecho de texto do livro do 7º ano

Fonte: Coleção *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*, livro do 7º ano, p.77.

Nesse caso, o tema é voltado para regras da norma culta e não para a discussão de outras variedades. No entanto, como as regras de concordância do português são muito variáveis, considerou-se oportuno um comentário. Bagno

(2007, p. 135), ao propor um roteiro para análise de livros didáticos, sugere-se que se verifique se o livro mostra coerência entre o que diz nos capítulos dedicados à variação linguística e o tratamento de outros temas gramaticais. No caso da abordagem da concordância nesse LD, encontra transcrita a regra: “[...] se o sujeito está no plural, o verbo deve estar no plural, concordando com ele.”. Talvez fosse o momento de se discutir que a prescrição vale para variedade culta da língua, mas que nem sempre, em outras variedades, ela será seguida. Ou seja, na atividade fica implícito que a única regra válida é a da norma culta, quando, na verdade, já se discutiu que a concordância também se realiza de outras formas.

No mesmo livro do 7º ano, capítulo 7, na seção “na trilha da oralidade”, as autoras sugerem que os alunos escolham um trecho do texto “Romeu e Julieta” (apresentado anteriormente no livro) e façam uma adaptação da linguagem para outra mais informal, de modo que procurem representar uma das variedades do português brasileiro falado. Mais adiante, encontra-se também o texto “Comprei livro e não entregaram!”, cujo trecho está reproduzido a seguir.

Acredite: fui enganado outra vez!
Nem livro. Nem bônus. Nadica de nada!

Figura 7 – Trecho de texto

Fonte: Coleção *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*, livro do 7º ano, p.233.

A discussão proposta é sobre as marcas de informalidade e adequação da linguagem ao gênero. As autoras perguntam como deveria ser a linguagem do texto se ele fosse direcionado ao Procon, por exemplo. Como se verifica, o foco das atividades é a questão do estilo formal e do estilo informal da língua portuguesa. Ou seja, a variação estilística.

No livro do 8º ano, no capítulo 1, as autoras trazem fragmentos do livro “Fala sério, mãe!”, de Thalita Rebouças (2004) e as atividades propostas têm o objetivo de discutir as diferenças entre o modo de falar de uma adolescente e o de sua mãe e, por consequência, o caráter dinâmico da língua. Segue um dos fragmentos apresentados.

-Ah, tipo assim... eu tomei a iniciativa, mas ele já estava me azarando desde a lanchonete.
-Você tomou a iniciativa? Isso é coisa de menina fácil, Maria de Lourdes!
-Mas meninos são lentos, às vezes precisam de um empurrão básico. Além do mais, eu não aguentava mais ser BV, né?
-BV? O que é BV, Maria de Lourdes?
-Boca virgem, mãe! Que desatualizada!
-Mas que bobagem! Sabia que no meu tempo a gente só beijava...
-Alou! Não estamos no seu tempo! Vai começar esse papo chato de “no seu tempo” de novo?

Figura 8 – Trecho de texto

Fonte: Coleção *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*, livro do 8º ano, p.32.

Observa-se que, mais uma vez, a questão do estilo formal e informal é abordada na coleção quando se solicita para se observar o estilo com que a filha se dirige à mãe. Além disso, pergunta-se se algumas palavras e expressões utilizadas

no texto como “tipo assim”, “alou”, “me azarando” ainda são utilizadas pelos adolescentes.

Na sequência, no capítulo 3, do mesmo livro, as autoras trazem o cordel “O poeta da roça”, de Patativa do Assaré (1978), do qual estão reproduzidas as duas primeiras estrofes a seguir.

O poeta da roça

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De argum menestrê, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola
Cantando, pachola, à percura de amô
[...]

Figura 9 – Trecho do poema

Fonte: Coleção *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*, livro do 8º ano, p.84.

Após algumas discussões sobre a variação no nível fonético a partir de exemplos que aparecem no texto, as autoras concluem a sessão com a seguinte observação: “Há várias maneiras de falar e escrever uma língua e seus diferentes registros estão condicionados a situações específicas de uso. Dessa forma, todas as variações devem ser aceitas e nenhuma delas pode ser considerada superior, mais correta ou mais importante” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018, p. 87).

Por fim, no capítulo 2 do livro do 9º ano, na seção “linguagem do texto”, depois de uma discussão referente à mudança linguística a partir de exemplos do romance “A Pata da Gazela”, de José de Alencar, as autoras recorrem ao texto “Antigamente”, de Carlos Drummond (1988) para continuar a discussão.

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral, dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, **faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio**. E, se **levavam tábua**, o remédio era **tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia**. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para **tirar o pai da força**, e não **caíam de cavalo magro**. Algumas **jogavam verde para colher maduro e sabiam com quantos paus se faz uma canoa**. O que não impedia que, **nesses entrementes**, esse ou aquele **embarcasse em canoa furada**. Encontravam alguém que lhes **passava a manta e azulava às de vila-diogo**. Os mais idosos, depois da janta, **faziam o quilo**, saindo **para tomar fresca**; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao **animatógrafo**, e mais tarde ao **cinematógrafo**, **chupando balas de altéia**. Ou sonhavam em **andar de aeroplano**; os quais, **de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas**; não admira que **dessem com os burros n’água**. [...]

ANDRADE, Carlos Drummond. Poesia e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

Figura 10 – Trecho de texto

Fonte: Coleção *Tecendo Linguagens – Língua Portuguesa*, livro do 9º ano, p.61.

Uma das atividades propostas é que os alunos transcrevam as palavras e expressões destacadas e depois consultem pessoas idosas para saber se conhecem

o significado delas. Algumas discussões sobre oralidade também são abordadas a partir de expressões que aparecem no texto.

Considerando todas as atividades identificadas relacionadas à temática em estudo, considera-se que a maioria está adequada conforme as teorias linguísticas mais atuais, especialmente conforme à Sociolinguística. Há que se registrar, no entanto, que o trabalho com a variação e com a mudança linguística poderia ser mais efetivo, se, como já alertara Bagno (2007a, p. 124), recorresse a variedades linguísticas autênticas e não aos exemplos “já surrados³” como os poemas de Patativa de Assaré e o texto “Antigamente” de Drummond.

3.3 Coleção se liga na língua

Na apresentação da proposta teórico-metodológica da coleção *Se Liga na Língua*, os autores afirmam terem se dedicado integralmente à BNCC, expondo a ideia de que a educação não deve ter seu foco voltado para uma única dimensão e que o mundo contemporâneo exige uma certa responsabilidade em aprender a conviver com as diferenças e as diversidades.

[...] partilhamos a concepção de acordo com a qual a educação não deve privilegiar uma única dimensão; é necessário desenvolver competências que mobilizem “conhecimentos” (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. IV).

Iniciando o exame da coleção, é possível verificar que, no capítulo 2 do livro do 6º ano, há uma sessão específica para a discussão da variação linguística que parte de um anúncio, veiculado em Moçambique, reproduzido a seguir.



Figura 11 – Imagem reproduzida

Fonte: Coleção *Se liga na língua*, livro do 6º ano, p. 63.

³ Não se está discutindo o valor e a qualidades desses textos; o que se questiona é o fato de que eles sejam utilizados muito repetidamente nos LDs de língua portuguesa para o trabalho com os fenômenos de variação e mudança linguísticas.

Entre as questões apresentadas na atividade, uma chama a atenção para o uso da palavra “malta” (canto superior esquerdo da imagem). A ideia parece ser a de que os estudantes percebam a variação semântica, isto é, que a palavra pode significar apenas “turma” onde o anúncio foi veiculado, ou “grupo de pessoas de má índole”, sentido que a palavra ganha quando utilizada por brasileiros. Na mesma unidade desse livro, os autores apresentam uma explicação sobre variação linguística e um diálogo, em quadrinhos, com amostras de diferentes variedades linguísticas.

Mais adiante, no capítulo 3, na sessão “Mais da língua”, o assunto abordado são as diferenças entre a fala e a escrita. Para a discussão desse conteúdo, os autores apresentam um trecho de transcrição de uma entrevista concedida pelo animador brasileiro Leo Santos ao jornalista Paulo Gustavo Pereira a respeito do filme *Divertida Mente*. Segue imagem da atividade.

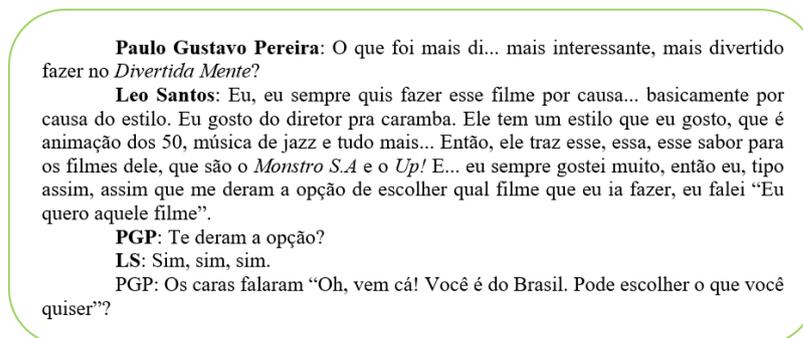


Figura 12 - Trecho da transcrição

Fonte: Coleção *Se Liga na Língua*, livro do 6º ano, p.91.

A partir da transcrição, os estudantes são levados a refletir, por meio de questões propostas pelos autores, sobre o sentido das reticências, a presença de repetições, hesitações, correções e outras marcas típicas da oralidade. As explicações abordam também as trocas dos “turnos conversacionais”.

No livro do 7º ano, no capítulo 1, os autores apresentam, novamente, uma transcrição de fala como motivação para algumas atividades. Trata-se de um trecho de uma notícia, a partir do qual os autores do livro explicam que, mesmo em situações públicas, a fala pode apresentar maior ou menor grau de organização e fluência a depender do tempo de planejamento que o falante puder dedicar ao evento de fala. Para que os estudantes percebam isso, é solicitado que leiam outra transcrição de notícia em que fica evidente que a jornalista teve maior tempo para preparar sua fala.

Adiante, no capítulo 6, uma outra atividade tem como objetivo trabalhar com “a pronúncia correta de algumas palavras”. Para tanto, os autores trazem uma tirinha do ilustrador Carlos Ruas e, em seguida, algumas questões. Segue imagem da tirinha.



Figura 13 – Tirinha reproduzida

Fonte: Coleção *Se Liga na Língua*, livro do 7º ano, p.211.

Os exercícios propostos pelos autores abordam a maneira que cada pessoa pronuncia a palavra “ruim”, ou seja, chama-se a atenção para a variedade linguística no nível fonético da língua portuguesa. Os autores não deixam de lembrar, acertadamente, que a norma-padrão recomenda determinada pronúncia em detrimento de outras. Vale observar, no entanto, que, no título do conteúdo ainda se utiliza a expressão “pronúncia correta”, que deixa pressuposto que há outras “erradas”.

No livro do 8º ano dessa coleção não foram verificadas atividades que enfocassem diretamente os temas em estudo. Já no livro do 9º ano, os autores tratam do tema “Variedades linguísticas” e optam por partir da história em quadrinhos de Bill Watterson a seguir.



Figura 14 – HQ reproduzida

Fonte: Coleção *Se Liga na Língua*, livro do 9º ano, p.30.

Os autores explicam que, originalmente a HQ, foi escrita em inglês e que há duas traduções distintas – uma para o público brasileiro e outra para o público português. Entre as atividades propostas, solicita-se que os estudantes observem e destaquem as diferenças em relação ao uso da língua portuguesa. Seguindo a análise do mesmo livro, encontram-se, nas páginas seguintes, os textos com os títulos “Por que a língua sofre variações” (p.33) e “As línguas do Brasil” (p.35). A partir desses textos, comenta-se sobre a relação da variação linguística com fatores geográficos, sociais e históricos e como as línguas exercem influências umas sobre as outras.

Outra atividade com foco na variação linguística, nesse caso, no nível lexical, também foi verificada no livro. O texto motivador é a receita de um bolo intitulado: “Bolo de macaxeira – mandioca ou aipim”. Após apresentarem a receita, os autores questionam “se é correto afirmar que essa receita de bolo de macaxeira também serve para produzir bolos feitos de outros dois alimentos, a mandioca e o aipim”, solicitando que se justifique a resposta” e “por que o site que divulgou a receita mostrou boa compreensão do fenômeno da variação linguística”. Um dos objetivos parece ser o de que os estudantes entendam que mandioca e aipim são dois outros nomes para o mesmo referente. Registra-se que é uma boa atividade, entretanto com um exemplo e variação regional no nível lexical também bastante “surrado”.

Para finalizar a análise dessa coleção, no livro do 9º ano, na sessão “Mais da língua”, verifica-se que os autores tratam de “Adequação e preconceito linguístico” partindo de uma tira do Fernando Gonsales.



Figura 15 – Tirinha reproduzida

Fonte: Coleção *Se Liga na Língua*, livro do 9º ano, p.69.

Primeiramente, abordam-se questões relativas à inadequação do estilo estranhamente formal na fala de um dos personagens, o que inclusive, gera o humor da tirinha. As atividades chamam a atenção para a importância de ser considerar a situação comunicativa para a escolha do estilo. E, para motivar a discussão de questões relacionadas aos diferentes falares e ao preconceito linguístico que existem em relação a alguns, apresenta-se a transcrição de um depoimento da professora e linguista Nelly Carvalho. No depoimento, Carvalho fala sobre o surgimento de algumas palavras utilizadas com mais frequência em Pernambuco. Assim, novamente, o foco é a variação geográfica e, nesse caso, os autores do LD destacam o fato de a professora afirmar ter muito orgulho da variedade da sua região. Como o capítulo trata do tema preconceito linguístico, vale registrar o que afirmam sobre o assunto ao tratarem da variação social:

A compreensão de que a língua varia leva, necessariamente, ao reconhecimento de que não há uma língua “correta” ou “bonita” [...]. Assim, o preconceito contra algumas variedades, como aquelas usadas por pessoas com pouca escolaridade, revela um equívoco no entendimento do funcionamento da língua (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 72).

De modo geral, com algumas ressalvas, é possível avaliar como adequadas e relevantes as atividades propostas. Pode-se afirmar, entretanto, que a coleção trata, com mais ênfase, especialmente da variação geográfica, da variação

estilística, e das diferenças entre as modalidades falada e escrita; nem todos os assuntos ligados ao tema são contemplados.

Considerações finais

Conforme mencionado na Introdução deste artigo, há muitas décadas, documentos oficiais já orientavam que os conteúdos relacionados à diversidade linguística estivessem presentes nas aulas de língua portuguesa na Educação Básica. Em razão disso, os materiais didáticos acabam sendo “obrigados” a incluir tais conteúdos. A esse respeito, Bagno (2007a, p. 119) afirma que é possível perceber uma “vontade sincera” dos autores de LD de combater os preconceitos linguísticos e valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Nem sempre, entretanto, isso ocorre adequadamente porque falta aos autores desses materiais uma base mais sólida em relação ao tema.

Assim, após a análise das coleções escolhidas para a pesquisa, reitera-se que foi possível observar que as coleções contemplam, em maior ou menor proporção, o estudo da variação, da mudança e do preconceito linguístico, sendo mais frequente os LDs abordarem aspectos da variação geográfica no nível lexical e da variação estilística, que, a propósito é que a que aparecer majoritariamente e na primeira coleção analisada (*Apoema*), por exemplo. Já a mudança linguística só está discutida de forma mais direta na segunda coleção analisada (*Tecendo linguagens*). Também se constatou uma frequente abordagem das diferenças entre fala e escrita (variação diamésica) nas três coleções.

Em relação a alguns assuntos, a análise permitiu constatar abordagem ligeiramente equivocada ou utilização de exemplos já muito repetidos, geralmente de textos com finalidades literárias, quem não têm a pretensão e a responsabilidade de reproduzir a fala real. Isso, a propósito, já havia sido verificado por Bagno (2007) e continua a ocorrer nessas coleções de 2018.

Além disso, faltam discussões mais explícitas como a relacionada ao preconceito linguístico, por exemplo, uma vez que as coleções tomam como objetivo auxiliar na formação de crianças e jovens críticos e capazes de respeitar e valorizar a diversidade linguístico-cultural do território brasileiro. É possível afirmar, após a pesquisa, que os materiais apresentam boas oportunidades para a discussão da temática, mas a intensidade e a qualidade do debate dependerão também do preparo e da disposição do professor.

Reitera-se que diversos outros pesquisadores já realizaram análises de materiais didáticos para verificar como os fenômenos de variação e mudança, principalmente, são abordados em LD de língua portuguesa adotados em outros contextos geográficos. Dessa forma, os resultados apresentados neste estudo, juntamente com outros publicados anteriormente, poderão auxiliar a compreender como os temas estão sendo abordados na escola a partir dos LDs e chamar a atenção para eventuais falhas para que esse tipo de material esteja cada vez mais adequado aos objetivos propostos para o ensino de língua portuguesa na Educação Básica.

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007a.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. 49. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007b.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em: 17 dez. 2022.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf> Acesso em: 14 dez. 2022.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 dez. 2022.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Programa Nacional do Livro Didático*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- CAMACHO, Roberto. *A variação linguística*. São Paulo: SE/CENP, 1988.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. (Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola, [1972] 2008.
- NASCIMENTO, Débora Ventura Klayn. *Livro didático e leitura literária nos anos finais do ensino fundamental*. Rev. Bras. Linguíst. Apl., v. 19, n. 1, p. 119-145, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/nCHbVKTy8tdbdvRLG89Z9mP/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 set. 2022.
- OLIVEIRA, Tania Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. *Tecendo linguagens: língua portuguesa*. São Paulo: Editora Ibep, 2018.
- RODRIGUES, Paulo Cezar. *Características do livro didático de Língua Portuguesa na mediação da produção textual escrita*. 135 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2007.
- SILVA, Rosa Virgínia Matos e. *O português são dois... Novas fronteiras, velhos problemas*. Parábola, 2004.
- SINISCALCHI, Cristiane; ORMUNDO, Wilton. *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem*. São Paulo: Editora Moderna, 2018.
- TEIXEIRA, Lúcia; SOUZA, Silvia Maria; FARIA, Carla; PATTRESI, Nadja. *Apoema português*. São Paulo: Editora do Brasil, 2018.

Para citar este artigo

GALUCI, Letícia Camargo; TAVARES, Marilza. Variação e mudança linguística: abordagens em livros didáticos de português no Ensino Fundamental. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 3, p. 158-177, set.-dez. 2023.

177

Autoria

Letícia Camargo Galuci é graduada em Letras – Português/Inglês pela Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: leticiagaluci@gmail.com; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3340-1121>.

Marilze Tavares é doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, professora da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras (FALE) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: marilzetavares@ufgd.edu.br; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5874-2635>.